



COLOCAR O ENUNCIADO: APÓS A ANÁLISE ATENTA DOS TEXTOS A SEGUIR APRESENTADOS, RESPONDA ÀS QUESTÕES PROPOSTAS.

Texto 1

BECOS DE GOIÁS

1

Beco da minha terra...

Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.

5

E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,
e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,
calçando de ouro a sandália velha,
jogada no teu monturo.

10

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,
descendo de quintais escusos
sem pressa,
e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.
Amo a avenca delicada que renasce
na frincha de teus muros empenados,
e a plantinha desvalida, de caule mole
que se defende, viceja e floresce
no agasalho de tua sombra úmida e calada.

15

20

Amo esses burros-de-lenha
que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,
secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.
Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra,
no range-range das cangalhas.

25

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
Sem infância, sem idade.
Franzino, maltrapilho,
pequeno para ser homem,
forte para ser criança.
Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.

30

Amo e canto com ternura
todo o errado da minha terra.
Becos da minha terra,
discriminados e humildes,
lembrando passadas eras...

35

Beco do Cisco.
Beco do Cotovelo.
Beco do Antônio Gomes.
Beco das Taquaras.
Beco do Seminário.
Bequinho da Escola.
Beco do Ouro Fino.
Beco da Cachoeira

40

Grande. Beco da Calabrote.
Beco do Mingu.
Beco da Vila Rica...

45 Conto a estória dos becos,
dos becos da minha terra,
suspeitos... mal afamados
onde família de conceito não passava.
50 "Lugar de gentinha" - diziam, virando a cara.
De gente do pote d'água.
De gente de pé no chão.
Becos de mulher perdida.
Becos de mulheres da vida.
55 Renegadas, confinadas
na sombra triste do beco.
Quarto de porta e janela.
Prostituta anemiada,
solitária, hética, engalicada,
60 tossindo, escarrando sangue
na umidade suja do beco.

Becos mal assombrados.
Becos de assombração...
Altas horas, mortas horas...
65 Capitão-mor - alma penada,
terror dos soldados, castigado nas armas.
Capitão-mor, alma penada,
num cavalo ferrado,
chispando fogo,
70 descendo e subindo o beco,
comandando o quadrado - feixe de varas...
Arrastando espada, tinindo esporas...

Mulher-dama. Mulheres da vida,
perdidas,
75 começavam em boas casas, depois,
baixavam pra o beco.
Queriam alegria. Faziam bailaricos.
- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.
O delegado-chefe de Polícia - brabeza -
80 dava em cima...
Mandava sem dó, na peia.
No dia seguinte, coitadas,
cabeça raspada a navalha,
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz
na frente da Cadeia.

85 Becos da minha terra...
Becos de assombração.
Românticos, pecaminosos...
Têm poesia e têm drama.
O drama da mulher da vida, antiga,
90 humilhada, malsinada.
Meretriz venérea,
desprezada, mesentérica, exangue.
Cabeça raspada a navalha,
castigada a palmatória,
95 capinando o largo,
chorando. Golfando sangue.

(ÚLTIMO ATO)

Um irmão vicentino comparece.
Traz uma entrada grátis do São Pedro de Alcântara.

Cai o pano.

CORALINA, Cora. **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. 21ª ed. - São Paulo: Global Editora, 2006.

Texto 2

○ ELEFANTE

| | |
|---|---|
| <p>1 Fabrico um elefante de meus poucos recursos. Um tanto de madeira tirado a velhos móveis 5 talvez lhe dê apoio. E o encho de algodão, de paina, de doçura. A cola vai fixar suas orelhas pensas. 10 A tromba se enovela, é a parte mais feliz de sua arquitetura.</p> <p> Mas há também as presas, dessa matéria pura 15 que não sei figurar. Tão alva essa riqueza a espojar-se nos circos sem perda ou corrupção. E há por fim os olhos, 20 onde se deposita a parte do elefante mais fluida e permanente, alheia a toda fraude.</p> <p> Eis o meu pobre elefante 25 pronto para sair à procura de amigos num mundo enfastiado que já não crê em bichos e duvidadas coisas. 30 Ei-lo, massa imponente e frágil, que se abana e move lentamente a pele costurada onde há flores de pano 35 e nuvens, alusões a um mundo mais poético onde o amor reagrupa as formas naturais.</p> | <p>40 Vai o meu elefante pela rua povoada, mas não o que querem ver nem mesmo para rir da cauda que ameaça deixá-lo ir sozinho.</p> <p>45 É todo graça, embora as pernas não ajudem e seu ventre balofo se arrisque a desabar ao mais leve empurrão</p> <p>50 Mostra com elegância sua mínima vida, e não há cidade alma que se disponha a recolher em si</p> <p>55 desse corpo sensível a fugitiva imagem, o passo desastrado mas faminto e tocante. Mas faminto de seres</p> <p>60 e situações patéticas, de encontros ao luar no mais profundo oceano, sob a raiz das árvores ou no seio das conchas,</p> <p>65 de luzes que não cegam e brilham através dos troncos mais espessos. Esse passo que vai sem esmagar as plantas no campo de batalha, à procura de sítios,</p> <p>70 segredos, episódios não contados em livro, de que apenas o vento, as folhas, a formiga reconhecem o talhe, mas que os homens ignoram pois só ousam mostrar-se</p> |
|---|---|

80 sob a paz das cortinas
à pálpebra cerrada.

E já tarde da noite
volta meu elefante,
mas volta fatigado,
as patas vacilantes
85 se desmancham no pó.
Ele não encontrou
o de que carecia,
o de que carecemos,
eu e meu elefante,
90 em que amo disfarçar-me.
Exausto de pesquisa,
caiu-lhe o vasto engenho
como simples papel.
A cola se dissolve
95 e todo o seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão,
jorra sobre o tapete,
qual mito desmontado.
100 Amanhã recomeço.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O Elefante**. 9ª ed. - São Paulo: Editora Record, 1983.

▶ Questão 01

Sabe-se que o prefixo de negação “in”, na língua portuguesa, pode assumir diferentes formas, de acordo com a ocorrência dos fenômenos de assimilação e mesmo de dissimilação.

Assinale a opção em que o significado do prefixo “in” difere do sentido encontrado nas palavras “indefeso” e “indefinido” no verso abaixo transcrito:

“Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.” (texto 1, verso 28)

- (A) Alimentar a criança é indispensável ao seu crescimento saudável.
- (B) A conclusão a que se chegou parecia algo ilógico.
- (C) Sua situação me parece irregular.
- (D) Eles estavam impossibilitados de frequentar aquele local.
- (E) Ele está tão fraco que já não consegue ingerir os alimentos.

Comentário:

O prefixo “in-”, em “indefeso” e “indefinido”, assume sentido de negação (na primeira ocorrência, que não foi ou não está defendido/protegido; e, na segunda, que não é ou não foi claramente definido, demarcado, precisado). Assim, observa-se, na alternativa A, “indispensável”, que não é dispensável; na B, “ilógico”, desprovido de lógica; na C, “irregular”, que não apresenta regularidade, desconforme com as regras; e, na D, “impossibilitados”, que não têm capacidade nem condição para realizar alguma coisa. Portanto, a alternativa correta é a letra E, em “ingerir”, que se origina de “ingestão”: no latim “ingestio.onis”, o “in” não é prefixo, também, não tem sentido de negação, já que significa “introduzir, pôr no estômago”.

Alternativa E

▶ Questão 02

Os becos descritos no texto 1 denunciam lugares marginalizados, abandonados e, mais frequentemente, não amados. Assinale a opção em que o verso transcrito condiz com essa afirmativa.

- (A) “Amo tua paisagem triste, ausente, suja.” (verso 2)
- (B) “Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,” (verso 9)
- (C) “Amo a avenca delicada que renasce” (verso 13)
- (D) “Amo esses burros-de-lenha” (verso 18)
- (E) “Amo e canto com ternura” (verso 29)

Comentário:

Em “Amo tua paisagem triste, ausente, suja”, observa-se claramente o sentimento de afeto que o eu lírico nutre pelos becos de sua terra, contrapondo-se à forma negativa com que são vistos pelos demais. Essa visão negativa é notada, por exemplo, no próprio verso em questão “triste, ausente, suja” e em outros, como “suspeitos... mal afamados” e “becos mal assombrados”.

Alternativa A**▶ Questão 03**

“Amo e canto com ternura / todo o errado da minha terra” (texto 1, versos 29 e 30).

A substantivação do adjetivo “errado”, antecedido pelo determinante “o”, que aparece no trecho acima destacado do poema de Cora Coralina

- (A) fala do desdém relativo à maneira como vivem os habitantes dos becos.
- (B) mostra que a voz poética é avessa a tudo o que acontece nos becos.
- (C) salienta uma proximidade e cumplicidade entre quem ama e quem recebe o amor.
- (D) revela apatia em relação aos becos de Goiás e a seus frequentadores.
- (E) trata unicamente da exclusão social dos moradores dos becos.

Comentário:

O artigo “o” - por ser definido - especifica, determina e, assim, cria, semanticamente, uma relação de proximidade entre o eu lírico e os becos retratados no poema. A autora descreve “com ternura” as mazelas desses locais, resumidas pela expressão “o errado”. Sendo correta, portanto, a alternativa C.

Alternativa C**▶ Questão 04**

“E aquele menino, lenheiro ele, salvo **seja**.” (texto 1, verso 23)

O modo em que se encontra o verbo **ser** na forma verbal acima destacada, em contraste com o modo de todas as outras formas verbais do poema, evoca

- (A) um indício de certeza, característico do modo indicativo das formas verbais em português, pois é certo que a vida do menino é amarga.
- (B) algo irreal, hipotético, expresso pelo modo subjuntivo, que aponta, no entanto, para um desejo, uma possibilidade, no caso, de que o menino seja resgatado daquele cotidiano que lhe rouba a infância.
- (C) um anúncio, um sinal pertinente ao modo indicativo, de que o menino será salvo de sua realidade tão dura.
- (D) a certeza, expressa pelo modo verbal, de que a existência do menino é atravessada pelo trabalho infantil.
- (E) o tom imperativo da voz poética que está presente não apenas nesse verso, mas ao longo de todo o poema.

Comentário:

No poema, Cora Coralina deseja que o menino “sem infância, sem idade, franzino, maltrapilho” seja amparado, e que, apesar das condições desumanas em que vive, consiga vencer. O verbo “seja”, no trecho citado, está conjugado no presente do modo subjuntivo, que expressa ações incertas, hipotéticas ou desejadas. Portanto, a alternativa B está correta.

Alternativa B**▶ Questão 05**

O texto 1 se inicia em um processo descritivo e passa para o descritivo-narrativo. Isso se confirma pelo(a)

- (A) contraste entre o uso abundante de adjetivos concomitante ao parco uso de formas verbais nas primeiras estrofes em relação à recorrência de formas verbais indicativas de ação conjugadas, predominantemente, no pretérito imperfeito do modo indicativo nas estrofes finais.
- (B) uso de verbos conjugados na primeira pessoa do singular do modo indicativo nas primeiras estrofes em contraste com os verbos conjugados em terceira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo nas estrofes finais.
- (C) frequência com que aparecem, no início do poema, palavras cujos significados estão associados à tristeza e ao abandono dos becos em contraste com o final do poema em que comparecem forças preocupadas em garantir ordem na vida pública.
- (D) fato de que a escritora se conforma ao processo mais tradicional na construção dos poemas.
- (E) necessidade de dar ao poema um tom realista, afastando-o do romantismo tradicionalmente associado às formas poéticas como um todo.

Comentário:

Na primeira parte do poema, a autora utiliza diversos adjetivos para descrever e transmitir ao leitor suas impressões sobre os “becos de Goiás”. A partir da tipologia descritiva, ela consegue retratar esses becos: excluídos e escondidos, lugares pouco visitados pelas famílias tradicionais, lugares em que cada um segue sua própria sina. Já na segunda parte do poema, percebem-se características da tipologia narrativa, como os verbos de ação conjugados predominantemente no passado, por exemplo, em “começavam em boas casas”, “baixavam para o beco” “faziam bailaricos”.

Alternativa A

▶ Questão 06

Dentre os pares de versos do texto 1 abaixo transcritos, assinale a alternativa em que há nítida descrição de uma transformação ocorrida durante a passagem do tempo.

- (A) “e a plantinha desvalida, de caule mole / que se defende, viceja e floresce” (versos 15 e 16)
- (B) “secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados. / Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra,” (versos 20 e 21)
- (C) “pequeno para ser homem, / forte para ser criança.” (versos 26 e 27)
- (D) “suspeitos... mal afamados / onde família de conceito não passava.” (versos 47 e 48)
- (E) “terror dos soldados, castigados nas armas. / Capitão-mor, alma penada,” (versos 65 e 66)

Comentário:

A alternativa que apresenta uma transformação ao longo do tempo é a “A”, pois a planta desvalida (desprotegida, abandonada), viceja (desenvolve-se com força) e floresce (prospera).

Alternativa A

▶ Questão 07

O valor semântico do vocábulo “errado”, exaltado pela autora no texto 1 em

“Amo e canto com ternura
todo o errado da minha terra.” (versos 29 e 30)

não se aplica a

- (A) paisagem triste (verso 2).
- (B) sandália velha (verso 7).
- (C) velho cano (verso 12).
- (D) Baile Sifilítico (verso 77).
- (E) irmão vicentino (verso 98).

Comentário:

A expressão “errado”, no poema, apresenta caráter negativo, assim como os termos “triste”, “velha”, “velho” e “sifilítico” (aquele que contraiu sífilis). Portanto, em “E”, “irmão vicentino” não apresenta o mesmo valor semântico dos outros vocábulos mencionados.

Alternativa E

▶ Questão 08

O vocábulo estranho ao campo morfossemântico da palavra “hética” (texto 1, verso 58) é

- (A) magra.
- (B) consumida.
- (C) confinada.
- (D) franzina.
- (E) definhada.

Comentário:

O único termo que não se relaciona semanticamente com a palavra “hética” – sinônimo de “definhada” – é “confinada” (isolada, limitada), já que “magra”, “franzina” e “consumida” correspondem a características físicas, visuais e opinativas expostas pela autora. Portanto, alternativa C.

Alternativa C

▶ Questão 09

A respeito do uso do vocábulo “sabidos” (texto 1, verso 21), pode-se afirmar que

- (A) indica a “esperteza” dos “burrinhos dos morros” ao optarem por ter suas cargas arrojadas.
- (B) confere valor semântico positivo à expressão “burrinhos dos morros”.
- (C) compara a escolha dos “burrinhos dos morros” pelas cangalhas à imundície dos “becos antigos”.
- (D) estabelece uma ideia contraditória e pejorativa à expressão “burrinhos dos morros”.
- (E) reforça o sentido de animal maltratado por seus donos: uma atitude distinta daquela conferida pela voz poética que aparece no primeiro verso da estrofe em questão.

Comentário:

A autora aborda uma linguagem de teor positivo ao se referir a alguns aspectos dos becos para mostrar o seu afeto por esses lugares. Ao utilizar o termo “sabidos”, ela confere um valor positivo aos “burrinhos do morro”. Portanto, a alternativa B está correta.

ATENÇÃO: Na alternativa “A”, apesar de possivelmente indicar a esperteza dos burrinhos com o termo “sabidos”, a autora não liga essa característica à “opção” dos animais por terem suas cargas arrojadas.

Alternativa B

▶ Questão 10

Considere os versos 68 a 80 do texto 2, transcritos abaixo:

“Esse passo que vai
sem esmagar as plantas
no campo de batalha,
à procura de sítios,
segredos, episódios
não contados em livro,
de que apenas o vento,
as folhas, a formiga
reconhecem o talhe,
mas que os homens ignoram,
pois só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas
à pálpebra cerrada.”

Acerca de “vento”, “folhas” e “formiga”, pode-se afirmar que

- (A) significam a procura do poeta por novos “sítios”, ou seja, novo público, futuros leitores do poema.
- (B) são comparados ao “livro” que o poeta pretende escrever sob a paz das cortinas.
- (C) não constituem elementos naturais capazes de compreender e espelhar a natureza do “elefante”.
- (D) estão presentes no poema com o objetivo de exaltar o comportamento humano que só se mostra “sob a paz das cortinas / à pálpebra cerrada”.
- (E) eles não ignoram o que o homem ignora.

Comentário:

No texto 2, há uma oposição entre os termos “vento”, “folhas” e “formiga” e os seres humanos, pois os elementos e seres naturais são capazes de reconhecer os “segredos” que não são “contados em livros”. Dessa maneira, verifica-se que a alternativa E é a correta.

Alternativa E

▶ Questão 11

A conjunção “mas” que se repete nas estrofes do texto 2 nos versos 41, 58, 59, 77 e 83

- (A) exprime consequência de uma árdua tarefa dada ao elefante que, de tanto pesquisar, ficou exausto.
- (B) tem na verdade uma função aditiva: embora sua forma seja a de uma adversativa, apenas liga as ideias dando continuidade e sequência ao texto.
- (C) traz em si uma ideia de compensação como na oração “não era bonito, mas esbanjava simpatia”.
- (D) dá forma ao contraste entre a expectativa inicial e a volta para casa: o homem não se deixa receber a ternura que o elefante carrega.
- (E) é a conjunção mais comumente utilizada entre as adversativas, não exercendo, no entanto, relação de contraste nos versos do texto.

Comentário:

A conjunção “mas” pode indicar ideia de oposição, de compensação, de quebra de expectativa, entre outras. No contexto dos versos mencionados no enunciado, verifica-se a quebra de expectativa entre o que é esperado e o que, de fato, acontece. Portanto, letra D.

Alternativa D**▶ Questão 12**

No texto 2, considerando o elefante fabricado artesanalmente como uma alegoria para falar da arte, mandar o elefante à rua aponta para um desejo de

- (A) divulgação daquilo que até então era privado e íntimo.
- (B) invisibilidade da coisa criada.
- (C) anonimato e silenciamento, já que há nas ruas um burburinho incessante que acaba por silenciar tudo o que nela transita.
- (D) fuga às responsabilidades do artista, pois o poeta sucumbe diante de sua inspiração.
- (E) banalização dos sentimentos que inspiraram o poeta a construir seu elefante.

Comentário:

Verifica-se, no texto 2, um caráter metalinguístico, em que o autor pretende divulgar o seu texto, para que seja lido e interpretado pelo público. Portanto, a alegoria para falar da arte é uma maneira de divulgar aquilo que até então era privado e íntimo, como expõe a alternativa A.

Alternativa A**▶ Questão 13**

Considere os versos 95 a 98 do texto 2, transcritos abaixo:

“e todo o seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão,
jorra sobre o tapete,”

A figura de linguagem construída a partir de uma relação entre os campos semânticos evocados pelo título do poema e de seus versos acima destacados é a (o)

- (A) ambiguidade.
- (B) apóstrofe.
- (C) antítese.
- (D) eufemismo.
- (E) metonímia.

Comentário:

A antítese é a figura de linguagem em que se nota qualquer contraste muito nítido. O elefante se opõe à ideia de suave, como ocorre em “algodão” e em “pluma”. Portanto, a relação de sentido estabelecida entre o título e os versos do enunciado é evidenciada na alternativa C.

Alternativa C**▶ Questão 14**

Observe os vocábulos destacados em negrito nos versos 39 a 44 do texto 2, transcritos abaixo:

“Vai o meu elefante
pela rua povoada,
mas não o **querem ver**
nem mesmo para rir
da cauda que ameaça
deixá-lo ir sozinho.”

Sobre esses vocábulos, de acordo com a gramática normativa, considere as seguintes afirmações:

- I o primeiro "o" é um artigo definido e o segundo é uma forma pronominal oblíqua, assim como a forma "lo" em "deixá-lo".
- II a colocação do segundo "o" junto ao advérbio de negação aproxima-se do registro mais utilizado no português falado no Brasil.
- III "o" e "lo" nos versos "mas não o querem ver" e "deixá-lo ir sozinho" são formas pronominais que garantem a coesão referencial anafórica.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões)

- (A) I apenas.
- (B) III apenas.
- (C) I e II apenas.
- (D) I e III apenas.
- (E) II e III apenas.

Comentário:

Nos versos destacados, observa-se, respectivamente: um artigo definido, um pronome pessoal do caso oblíquo e outro pronome pessoal do caso oblíquo. Assim, o tópico I está correto.

Apesar de utilizarmos com mais frequência a próclise na fala, o tópico II está incorreto, devido à justificativa: não utilizamos o pronome oblíquo antes do verbo no dia a dia por causa da palavra atrativa, mas sim, por costume.

Por fim, o tópico III está correto, pois os pronomes oblíquos são recursos de coesão referencial que retomam termos já citados anteriormente, portanto, anafóricos.

Alternativa D



Questão 15

O poema *O elefante* (texto 2)

- (A) anuncia, por meio da alegoria do animal, que o tamanho dos problemas dos adultos é inversamente proporcional ao tamanho do elefante, sendo, ao mesmo tempo, um poema direcionado às crianças.
- (B) estabelece uma relação criador/criatura e, metaforicamente, é possível falar de um paralelo entre arte/artista: o conteúdo produzido pelo artista é causa e consequência, ao mesmo tempo, do trabalho do poeta com as palavras.
- (C) desconecta o elefante (criação) de seu criador, retirando deste toda a sua capacidade criativa.
- (D) mostra a criatura, o elefante, como algo definido e único: criá-lo é tão trabalhoso que não há possibilidade de criar outros elefantes.
- (E) revela, metaforicamente, um descuido com o fazer poético ao descrever a deselegância do elefante mal construído, que segue pelas ruas de modo desequilibrado.

Comentário:

Por ser um texto de caráter metalinguístico, em que o autor reflete sobre sua própria obra ao metaforizar a construção do elefante de papel arquitetada na própria poesia, a alternativa B está correta.

Alternativa B



Questão 16

Considere os versos 19 a 23 do texto 2, transcritos abaixo:

"E há por fim os olhos,
onde se deposita
a parte do elefante
mais fluida e permanente,
alheia a toda fraude."

Abaixo, você encontrará alguns ditados populares elencados. Qual destes ditados mais se aproxima da ideia veiculada no verso 23, "alheia a toda fraude"?

- (A) "Fazer o bem sem olhar a quem."
- (B) "O pior cego é aquele que não quer ver."
- (C) "Perto dos olhos, longe do coração."
- (D) "Em terra de cego, quem tem um olho é rei."
- (E) "Os olhos são a janela da alma."

Comentário:

Nos versos transcritos no enunciado, observa-se que a parte do elefante alheia a toda fraude são os olhos, o que exprime a ideia de inocência, de ingenuidade, e se aproxima da ideia do ditado citado na alternativa E: “Os olhos são a janela da alma”, em que se verifica a ideia de transparência, de enxergar a essência de uma pessoa através do seu olhar.

Alternativa E **Questão 17**

Assinale a alternativa em que os vocábulos são acentuados de acordo com as mesmas regras de acentuação gráfica das palavras abaixo transcritas, respectivamente:

sandália (verso 7, texto 1); **úmida** (verso 17, texto 1); só (verso 28, texto 1); **sensível** (verso 55, texto 2); **conteúdo** (verso 95, texto 2).

- (A) réstia, sífilítico, vê, grátis, baú
- (B) água, família, há, revólver, frágil
- (C) infância, matéria, à, móveis, saúva
- (D) estória, poético, têm, viúva, maiúscula
- (E) solitária, fáceis, deixá-lo, médio, carícia

Comentário:

Quanto à acentuação, é possível identificar as seguintes regras:

“sandália” – paroxítona terminada em ditongo crescente;

“úmida” – proparoxítona (todas são acentuadas);

“só” – monossílabo tônico terminado em “-o”;

“sensível” – paroxítona terminada em “-l”;

“conteúdo” – a segunda vogal do hiato é “u”, tônico, acompanhado ou não de “s”.

Verifica-se, dessa forma, que a alternativa A é a que se enquadra nas regras mencionadas.

Alternativa A **Questão 18**

Sobre os textos 1 e 2, analise as afirmações abaixo:

- I. descrevem um exterior cuja aparência pode ser vista como deselegante, guardando, porém, tanto os becos quanto o elefante, um interior rico em poesia e vida.
- II. revelam uma construção erudita, rígida e intelectualizada de uma narrativa poética cuja forma apresenta estrofes regulares e longas, intercaladas por estribilho.
- III. há uma relação estreita entre prosa e poesia revelada no encadeamento que oscila entre a descrição e a narração.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões)

- (A) I apenas.
- (B) II apenas.
- (C) I e III apenas.
- (D) II e III apenas.
- (E) I, II e III.

Comentário:

A afirmação I está correta, já que a imagem dos becos e do elefante é negativa, mas os autores que falam sobre eles ressaltam a beleza velada que apresentam.

A II está incorreta, visto que se trata de poemas modernistas, em que não se busca a estética perfeita, mas um texto engajado, e os versos são assimétricos.

Por fim, a III está correta, pois os autores descrevem contextos, utilizando a tipologia descritiva (poesia) para discutir questões vivenciadas na sociedade a partir da narração (prosa).

Alternativa C

Quanto à estrutura, os textos 1 e 2

- (A) são haicais, pois transmitem imensa sabedoria em relação ao tamanho dos textos apresentados.
- (B) são acrósticos que cantam determinado lugar ou coisa.
- (C) são baladas que fazem referência a um tempo perdido.
- (D) são poemas modernos que apresentam versos brancos ou livres e estrofes polimétricas.
- (E) são sonetos e apresentam conteúdos ligados à sabedoria acumulada pelos poetas ao longo do tempo.

Comentário:

Os dois poemas são modernistas, pois apresentam versos assimétricos e não buscam a estética perfeita, e sim a construção de textos engajados, críticos, com conteúdos relevantes.

Alternativa D

A respeito do "conceito de erro em língua", o gramático Luiz Antônio Sacconi, em sua obra "Nossa Gramática – Teoria e Prática", afirma:

"Em rigor, ninguém comete erro em língua, exceto nos casos de ortografia. O que se comete são transgressões da norma culta. De fato, aquele que, num momento íntimo do discurso, diz: "Ninguém deixou ele falar", não comete propriamente erro; na verdade, transgride a norma culta. (...) Vale lembrar, finalmente, que a língua é um costume. Como tal, qualquer transgressão, ou chamado erro, deixa de sê-lo no exato instante em que a maioria absoluta o comete, passando, assim, a constituir fato linguístico (registro de linguagem definitivamente consagrado pelo uso, ainda que não tenha amparo gramatical)."

SACCONI, Luiz Antônio. Nossa Gramática – Teoria e Prática – 18ª ed. Reformada e atual. São Paulo: Atual, 1994. pp. 8 e 9.

Considerando o conceito de "erro em língua", exposto acima, assinale a alternativa em que se apresenta uma transgressão da norma culta considerada "fato linguístico"?

- (A) Eu não sei aonde o elefante quer chegar.
- (B) Ana Lins Bretas, cujo pseudônimo era Cora Coralina, foi uma grande escritora brasileira.
- (C) "E há por fim os olhos,/onde se deposita/a parte do elefante" (texto 2, versos 19 a 21).
- (D) "Ele não encontrou/o de que carecia,/o de que carecemos," (texto 2, versos 86 a 88).
- (E) É uma das poucas opiniões do poeta onde existe uma controvérsia.

Comentário:

O pronome relativo "onde" - que indica lugar - é constantemente utilizado de maneira inadequada na língua cotidiana para retomar expressões de sentidos diferentes do indicado pela gramática normativa, sendo esse uso um fato linguístico, como descrito por Sacconi. Na alternativa E, observa-se esse fenômeno, já que o pronome retoma "opiniões", que não é, claramente, um espaço físico.

Alternativa E

PRODUÇÃO DE TEXTO

Tomando por base de reflexão os dois textos apresentados nesta prova, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **as contribuições da arte para uma percepção da realidade que vá além das aparências**.

O seu texto deverá ter entre 25 (vinte e cinco) a 30 (trinta) linhas escritas à tinta azul ou preta.

A produção de texto DEVERÁ ser realizada no CADERNO DE SOLUÇÕES.

Comentário:

O tema de Redação do Concurso de Admissão do IME 2018/2019 versa sobre **as contribuições da arte para uma percepção da realidade que vá além das aparências**. A Banca Elaboradora do IME sugere dois textos da Prova Mista de Português para reflexão ao candidato: “Becos de Goiás”, de Cora Coralina, e “O Elefante”, de Carlos Drummond de Andrade.

O tema é atualíssimo e oferece a possibilidade para um bom trabalho argumentativo. O que se espera de um candidato a uma vaga em um curso universitário, sobretudo do IME, é que compreenda – e muito bem – a realidade, aquilo que está por trás das aparências do cotidiano. Nesse sentido, o tema abre o leque para uma abordagem argumentativa inteligente. A arte oferece inúmeras possibilidades de compreensão de nossa realidade.

Refletir sobre o papel da arte é um bom caminho. Por esse viés, há de se compreender que a arte reflete o que existe na realidade humana. Ela mostra as diferenças e o resultado disso pode ser provocativo ou agradável. Vai depender muito de quem contempla o objeto artístico. Isso se aplica, por exemplo, aos textos motivadores ofertados pela prova. “Becos de Goiás”, de Cora Coralina oferece uma narrativa sobre a perspectiva de um “canto” das cidades: “Conto a estória dos becos, dos becos da minha terra, suspeitos... mal afamados onde família de conceito não passava”. Nesses fragmentos, é perceptível que a intenção da autora não é só registrar a realidade, mas fazer o leitor refletir sobre essa realidade sombria, esquecida e escura dos “becos”, metafóricos ou não, da vida cotidiana. A arte, assim, é o caminho que conduz à análise, à reflexão, à compreensão do aspecto mais profundo do ser humano.

Fernando Pessoa dizia que *“Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”*. A arte ajuda a ter uma visão mais abrangente do mundo em que se vive. Toda forma de arte – a literatura, a pintura, o desenho, a escultura, o teatro, o cinema, a música – e todo movimento artístico. Contemplar a obra de arte é ir além do que se vê, das aparências. Argumentar nesse sentido é essencial. A arte é mais do que utilitária, mais do que bela. É transcender ao meio físico.

O bom trabalho argumentativo, numa prova de vestibular, exige que o candidato comprove suas opiniões. Ao candidato cabe selecionar fatos, dados, exemplos que expliquem, analisem a contribuição que a arte dá para entender “o real”, o papel de sujeito no mundo contemporâneo.

Já há algum tempo a discussão sobre o papel da arte tem sido muito presente na realidade brasileira: exposições em museus, peças teatrais povoaram o debate no meio virtual e no meio acadêmico. Muita polêmica surgiu acerca disso. Uma parcela da sociedade ficou presa às aparências do real, à representação física da arte. Nietzsche, ao analisar a moral do escravo, explica-nos que esse é um tipo de pensamento que valida o *status quo*, gerando um medo, um pânico às mudanças e às transformações sociopolíticas. Nesse aspecto, a “moral do escravo” surge como uma perversão, quando os mais fracos querem atribuir valor à covardia e ao imobilismo. O filósofo alemão nos oferece a possibilidade de se criticar essa visão primária de arte. É preciso transcender, ir além das aparências, provocar, compreender o universo que está por trás do plano físico. O tema oferece essa possibilidade.

Por fim, o Concurso de Admissão do IME deste ano deu ao candidato a chance de mostrar maturidade: demonstrar que a arte vai muito além das aparências, tem uma função social imprescindível ao cotidiano do homem. É isso!

PORTUGUÊS

Vanessa

REDAÇÃO

Renato

Colaborador

Cirillo Sales

Digitação e Diagramação

Cristiane Ribeiro

Pollyanna Chagas

Revisor

Celso Faria

Projeto Gráfico

Vinicius Ribeiro

Supervisão Editorial

Aline Alkmin

Copyright©Olimpo2018

*A Resolução Comentada das provas do IME
poderá ser obtida diretamente no site do **GRUPO OLIMPO**.*

As escolhas que você fez nesta prova, assim como outras escolhas na vida, dependem de conhecimentos, competências, conhecimentos e habilidades específicos. Esteja preparado.

www.grupoolimpo.com.br